

PRADO, Antônio Arnoni (Org.). Lima Barreto: uma autobiografia literária.
São Paulo: Editora 34, 2012. 199 p.

Por Joachin de Melo Azevedo Neto



UMA IMAGEM DA HISTÓRIA INTELECTUAL DE LIMA BARRETO

Antônio Arnoni Prado nasceu em São Paulo, em 1943. Sua dissertação de mestrado em Letras, intitulada Lima Barreto: o crítico e a crise, foi orientada por Antônio Candido, na USP, e publicada pela Editora Cátedra em 1976. Em 1980, defendeu a tese de doutorado Lauréis insignes no roteiro de 22, também em Letras, na mesma instituição. Em 1983, esse trabalho foi publicado pela Editora Brasiliense com o título de 1922: itinerário de uma falsa vanguarda – os dissidentes, a Semana e o Integralismo. Desde 1979, é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Na Itália, em 1986, por meio da Fundação Feltrinelli, desenvolveu uma inovadora pesquisa de pós-doutorado sobre teatro e cultura anarquista no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX.

Arnoni Prado, em 1922: itinerário de uma falsa vanguarda, fez uma série de importantes contestações aos discursos que postulam que a Semana de Arte Moderna foi um marco divisor em termos de transgressão na história da arte brasileira. Segundo o autor, intelectuais como Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, que integraram as fileiras desse movimento, foram entusiastas do integralismo e verde-amarelismo: a versão tupiniquim do fascismo. Portanto, impossível a Semana de Arte Moderna ter sido um movimento vanguardista se abrigou, de modo tão confortável, escritores conservadores e silenciou os que possuíam afinidades com correntes próximas ao ideário anarquista.

A obra Lima Barreto: uma autobiografia literária foi organizada por Prado a partir de uma série de bricolagens entre a ficção, as memórias, cartas, depoimentos de amigos e as crônicas desse literato carioca. O intuito do organizador dessa obra foi construir um mosaico de fragmentos nos quais o próprio Lima Barreto (1881-1922) comunica ao leitor suas angústias, mágoas, ambições e processo de maturação intelectual. Desse modo, ao final do livro, associando esses dizeres com outros trechos de escritores como José Lins do Rego e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, sobre esse romancista, o público tem em mãos uma imagem inédita não apenas dos dramas, mas, sobretudo, da sensibilidade humana e da coerência intelectual de Lima Barreto.

Dividida em nove capítulos, nomeados “Autorretrato”, “O narrador”, “Persona e personagens”, “Crítica e comentário”, “Sobre arte e literatura”, “De fora do panteão”, “Alma libertária”, “Morte e penitência” e “Outros retratos”, essa autobiografia não transforma os escritos de Lima Barreto em meros reflexos de uma teoria já estabelecida sobre estética e literatura. O próprio pensamento barretiano fundamenta a organização de um livro desse porte, como se pode perceber nesse trecho, coligido na crônica “Dois meninos”, de 1920,

Desautorizadamente, julgo eu que nenhuma história da nossa literatura poderá se aproximar da perfeição, enquanto não houver de sobra esses estudos parciais de seus autores. Se não estou de todo esquecido, penso que isso já foi dito não sei por quem.

Pesquisas sobre as suas vidas, os desgostos, suas amizades, seus amores, seus estudos, sua correspondência, tudo isso pode esclarecer o pensamento e a tenção de suas obras, não se concebe possa ser feito por um só autor; e, tendo de julgá-las numa única obra geral, um único erudito, por mais ativo e diligente que seja, há de por força falhar e ser incompleto, se não tiver à mão esses estudos e outras achegas.

Fortemente influenciado pelas ideias do historiador inglês Thomas Carlyle (1795-1881), sobre o conceito de herói intelectual e pela assertiva de que a literatura cobra um alto tributo aos seus adeptos, bem como pelo vulto de escritor engajado projetado, no começo do século XX, pelo parisiense Anatole France (1844-1924), Lima Barreto nos coloca diante de afirmações lúcidas e honestas quando remete ao ofício de homem de letras. Destaco, entre tantas, a seguinte: “a Arte e a Literatura são coisas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-la com todo ardor e sinceridade. Não é o

canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna” . Nessa passagem retirada do artigo “Estética do ferro”, não datado e publicado, pela primeira vez, em 1956, nas Impressões de leitura, se pode encontrar a diretriz ética que permeia todo o artesanato literário de Afonso Henriques. O escritor carioca quis dizer, sendo aqui mais explícito, que a literatura não é um mero passatempo para entreter a alta sociedade. E considero uma pena que a literatura brasileira contemporânea há muito já perdeu a simplicidade que permeia essa ingenuidade agressiva.

Em “Alma libertária”, evoco aqui a fala do personagem Gonzaga de Sá, um distinto e solitário funcionário público, que devotou sua vida aos livros e ao trabalho maçante em uma repartição pública, para que, por meio dela, o perfil político de Lima Barreto possa ser ligeiramente delineado. Em Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá pode-se ler o seguinte trecho: “se eu pudesse, se me fosse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada, que lhe corrigisse a bondade e a doçura deprimente” . A tríade liberdade, igualdade e fraternidade, que margeou a Revolução Francesa, entusiasmava profundamente esse literato dos subúrbios cariocas, das casas de garapa e botequins do Rio. Testemunhar que esses doces ideais naufragaram no mar de corrupção, preconceitos e truculência no qual as repúblicas ocidentais velejavam e velejam foi uma das razões que motivaram o seu desencanto e a sua retórica corrosiva.

Longe de pretender fazer uma análise linear dessa obra ou de oferecer uma leitura pronta e acabada da obra aqui resenhada, sugiro que o próprio leitor se aventure nas páginas desse belo livro organizado por Antônio Arnoni Prado. Que esse contato sirva para que mais brasileiros descubram a riqueza humana que habita a produção desse escritor carioca e passem a buscar, por conta própria, mais detalhes sobre sua complexa obra. Sem dúvidas, é essa a proposta que margeia toda a construção dessa preciosa autobiografia recortada e montada com maestria e originalidade.